

**Contextualizando o reconhecimento da minha vivência
de racismo na moradia estudantil**

Por Michelle Perez dos Santos



Contextualizando o reconhecimento da minha vivência de racismo na moradia estudantil

Conheci uma moça na moradia, ela morou comigo e compartilhamos nossas histórias e vivências na universidade, inclusive assuntos que relacionam as questões raciais, pois era um dos assuntos que mais chamava a atenção dela e que também dizia a respeito às minhas experiências como mulher negra.

Eu achei surpreendente como uma mulher branca entendia tanto do feminismo negro. Eu também não sabia a diferença entre interpretar e compreender, por isso a surpresa também. Seu discurso era tão esperançoso e antirracista! Lembro-me de meses antes de ter sido acusada de roubar um ketchup pela pessoa referida, assim como a minha amiga que também é uma pessoa negra tinha sido acusada por ela de ter roubado pratos de plásticos e copos americanos. No livro da Antropóloga Lélia Gonzalez, “Por um feminismo Afro-Latino-americano”, a parte que mais me enredou foi a que ela discorre que população branca, mesmo sendo pobre, possui mais privilégios sociais que as pessoas negras. Para mim, isto não parecia ser real, pois a moça que morou comigo não parecia ter mais privilégios que eu, por ser branca. Foi um engano.

Nós moramos juntas há uns 6 meses e eu já tinha contado para ela que alguns lugares, como perfumarias e mercados eram/são lugares constrangedores para mim. Sempre me foi automático que eu mostrasse os produtos a quem estivesse perto, já que não queria ter a sensação de estar roubando algo das prateleiras, já que os olhares sempre vinham com esta desconfiança, nas experiências que tive, isto me causava insights ruins. Acho importante ressaltar que isto não é apenas um relato pessoal, embora seja comum que as pessoas associem o racismo a experiências individuais, como discorre Grada Kilomba:

“O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. Um discurso tão pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de Bell Hooks”.
(KILOMBA, 2019)

O mês era março e minha orientadora da BAS (Bolsa auxílio social) me apresentou um coletivo sobre menstruação, e foi neste grupo que eu conheci através dela uma moça nordestina, que precisava de uma casa na moradia estudantil para se alojar. Eu conversei com as moradoras da casa onde morei e elas aceitaram recebê-la. A moradora branca com quem eu compartilhava leituras sobre racismo, disse à minha amiga que os copos americanos e os pratos estavam sumindo desde quando ela tinha chegado.

Ficamos perplexas quando ela disse isso, mas, a amiga disse que ela não tinha pego nada.

Passaram-se dias e a moradora inicial começou a conversar com uma outra moradora antiga da casa, e disse que estavam pegando as suas coisas na geladeira, que ela precisou deixar o seu ketchup na bolsa, pois não era mais seguro comidas lá! A princípio, quando eu escutei este comentário eu não levei em consideração, pois eu não tinha pego nada dela mesmo... e continuei a lavar louça, como estava fazendo. No dia seguinte, enquanto falava ao telefone com a sua mãe, e ela dizia muito alto “elas estão querendo arranjar confusão, se elas quisessem meu ketchup, elas deveriam me pedir” e olhava para mim fixamente com um olhar de raiva. Na mesma hora, eu comecei a chorar e lembrar dos flashes dos olhares desconfiados no mercado, e das experiências que tive, e entrei em pânico. Eu não tinha roubado nada dela, e não queria mais estar ali em sua presença. Então mandei uma mensagem para uma representante discente e pedi para ficar em sua casa, até que eu encontrasse outro lugar para ficar.

Até este momento, eu não enxerguei o racismo. No meu pensamento, eu estava (só!) sendo acusada de roubo. A representante discente achou uma casa na moradia estudantil, para que eu conversasse com as moradoras antes de ser aceita ou não na casa delas. Cheguei na casa junto com a representante discente e lá tinha duas moças brancas. Ela explicou que eu

estava sendo acusada de roubo e que estava sofrendo abusos psicológicos de uma moça em outra casa, mas que eu não tinha pego nada. Perguntou se eu poderia ficar com elas. Elas ficaram de pensar e dar a resposta depois.

No outro dia, a RD me disse que eu não iria ser aceita na casa, pois as meninas estavam dizendo que estavam com medo de que eu roubasse as coisas delas também. Disseram que poderiam receber outra moça lá, sem problemas, mas que eu não seria aceita por esta justificativa. No mesmo momento, eu pensei, fiquei perplexa, e disse: “ok”. Mas depois de refletir, eu disse à RD que não aceitava esta justificativa. Elas poderiam não ter simpatizado comigo, ou qualquer outro motivo, para não me aceitarem na casa, mas dizer que era por conta de ter medo de eu pegar as coisas delas, me soou racista. Com certeza, se uma moça branca chegasse na casa delas dizendo estar no mesmo contexto, elas a receberiam na casa dela, percebendo a injustiça. Inclusive, a situação é tão absurda que a moradora da antiga casa, que cometeu o racismo comigo, foi morar justamente nesta casa que estava recusando a minha entrada, e ela entrou sem nenhum impasse.

Dias depois do ocorrido, a representante da moradia disse que a administração estudantil estava abrindo uma casa. E que se eu quisesse limpar, poderia ficar nela. Sem opções melhores, eu aceitei. Quando cheguei, a casa estava muito suja e cheia de fungos. O cheiro de mofo era muito forte,

tinha muitas larvas na geladeira. Recebi produtos de limpeza da moradia, e também comprei mais, passei 4 dias limpando a sujeira junto com a ajuda de duas amigas e perdi com isso várias horas de estudos.

Recebi um email da moradia dizendo que eu teria que sair da casa, pois ela estava em condições insalubres e não daria para eu continuar lá. Fiquei desesperançosa novamente, pois teria que procurar outra casa e também por ter perdido muito tempo achando que poderia ficar ali e resolver esse problema de vez. Respondi o email da administração, dizendo que eu continuaria na casa, e eles concordaram que eu ficasse lá. Continuo até hoje nessa casa.

Juntamente com minha amiga que também estava sendo acusada, decidimos ir até a delegacia abrir um boletim de ocorrência contra a moça da casa anterior, mas chegando lá o “sistema estava fora do ar” e acabamos não tendo energia para retornar depois.

O caso do racismo e a acusação de roubo foi encaminhada para uma das instituições da UNICAMP, mas no primeiro momento, na entrevista com as assistentes sociais, elas disseram que poderiam apenas ouvir. Minha amiga chegou a perguntar como ficaria a minha situação, e elas disseram que eu deveria procurar outra casa, mesmo depois do ocorrido com a representante discente. Eu me sentia não ouvida, eu tive que ficar falando muitas vezes sobre o mesmo assunto com a RD e com as assistentes sociais naquela

reunião, era desgastante e doloroso. Já dizia a Bell Hooks, “Minha experiência como jovem negra não era reconhecida. Minha voz, assim como a de mulheres como eu, não era ouvida. Sobretudo, o movimento mostrou como eu me conhecia pouco e também como conhecia pouco meu espaço na sociedade.” (HOOKS, 2020).

No momento em que eu percebi que ficava relatando sobre o racismo e o roubo e nada acontecia, eu me resignei à situação. Percebi que o discurso, a voz de uma mulher branca é muito mais legitimada que a minha. Ainda que eu ainda estivesse com a minha amiga também moradora da casa, e outra mulher negra, passando pela mesma situação, nossas vozes não eram ouvidas nem legitimadas tanto quanto a voz de uma mulher branca.

Mais uma vez, eu me identifiquei com o escrito da Bell Hooks quando ela escreve “Nosso silêncio não era mera reação contra as brancas liberacionistas nem gesto de solidariedade aos patriarcas negros. Era o silêncio do oprimido: aquele profundo silêncio engendrado de resignação e aceitação perante seu destino” (HOOKS, 2020). Meu destino naquela situação era aceitar que ela estava certa, a moça branca, e eu tinha que esquecer que na moradia estudantil o racismo dá punições. Isso era só papel e discurso, não tinha nada de materialidade naquela regra de vivência. Para o racismo, as punições acabam não valendo.

Revisitando e remoendo a situação, o que deixou mais nítido que era mesmo, infelizmente, uma situação de racismo que estávamos passando foi que a hóspede nordestina, que havia também saído da casa depois dessa situação, ela tem a cor de pele branca e não foi acusada de roubo. Outro detalhe da circunstância é que a moça racista, naquele período, começou a colocar nomes nos pratos e no seu ketchup, nos seus calendários, e a escrever " não pegar." Durante o processo, minha amiga resistiu e continuou na casa mesmo com as insinuações simbólicas de roubo, mas só dela me contar que aquilo continuava acontecendo, me causava uma tristeza tremenda.

No dia da última reunião na instituição da Unicamp, presencial e com a participação de todas as moradoras da casa, eu estava triste e resignada sobre o discurso vencedor e legítimo da mulher branca. Eu a vi quando cheguei na sala e estava tranquila, rindo, com as assistentes sociais.

Sentei-me na mesa e as profissionais começaram a perguntar se nós tínhamos conversado neste meio tempo do processo. Na hora, eu fiquei pensando, “não é possível que elas estejam tratando tudo o que aconteceu com naturalidade!”. Depois, elas vieram com um discurso igualitário de que “nossa, nós estamos no mesmo barco... nós mulheres deveríamos estar nos apoiando”. Eu não engoli seco aquilo e disse "mais ou menos né?". Não estamos no mesmo barco! Elas não falaram sobre o roubo e nem sobre o

racismo da garota branca, “passaram pano”, romantizaram a situação. Bell Hooks descreve isto que aconteceu comigo e com minha amiga: “Ironicamente, enquanto o movimento recente de mulheres chamava atenção para o fato de que mulheres negras eram duplamente vitimadas pela opressão racista e sexista, feministas brancas tinham tendência a romantizar a experiência da mulher negra, em vez de discutir o impacto negativo da opressão” (HOOKS, 2020).

A moça que fez as injúrias pediu-me desculpas, mas não me disse o motivo pelo qual estava se desculpando. A casa foi dissolvida, todas as pessoas tiveram que sair dela. Ao final da reunião, as assistentes sociais disseram para ela: “a gente ajuda você a procurar casa, viu?”, com voz de simpatia. E, no mesmo dia, ela foi aceita na casa onde eu fui recusada. Só pegou as suas coisas e se mudou, poucos instantes depois da reunião ter acabado. E ainda disse para uma das moradoras da sua nova casa que não tinha nenhuma relação com a dissolução da casa.

Negação/culpa/vergonha/ não reconhecimento

A escritora Grada Kilomba em sua obra "Memórias da plantação: episódios do racismo cotidiano" descreve algumas “fases” de como as pessoas racistas agem, para não admitirem que estão cometendo atos racistas e na situação. Identifiquei bem, neste caso, o que ela escreveu no seu maravilhoso livro.

Primeiro, vem a fase da negação. De acordo com a psicóloga, o sujeito branco tende a questionar a pessoa, dizendo que ela entendeu errado, sobre ela ter cometido o ato racista. (KILOMBA, 2019). Quando eu saí de casa, a garota racista disse à minha amiga de classe, por mensagem de texto, que eu tinha entendido errado quando ela falava ao telefone e olhava para mim, dizendo que roubaram o ketchup dela.

Na segunda fase, Grada escreve que ocorre a culpa e a vergonha, e ela descreve que a pessoa, ao perceber que cometeu o ato racista, tende a racionalizar. Ou seja, é a tentativa de justificar e negar que ela não é assim, reafirmando que somos todos iguais (quando se trata da cor da pele). Acho importante ressaltar, que realmente o que nos diferencia é a quantidade maior ou menor de melanina na pele, mas discordo de dizermos que somos todas iguais. No que diz respeito às categorias sociais que estamos inseridas, existe uma desigualdade racial. A moça, quando foi questionada pela representante discente sobre estar cometendo racismo, disse: “Eu estudo tanto para não ser assim!”

A escritora descreve que no pensamento destas pessoas, elas imaginam diferente da ação que elas praticam. Admitir que cometeu algum ato racista, causa no ser vergonha e culpa, e isso implicaria admitir para si mesma que ela não é aquilo que imaginava ser. (KILOMBA, 2019).

Por fim, a autora fala sobre o reconhecimento. O reconhecimento é quando o indivíduo reconhece a sua postura, e desta forma busca transformar as suas atitudes racistas, para não cometer os mesmos atos (KILOMBA, 2019). No caso que eu vivi, a moça (parece-me, espero estar errada), ainda está na fase da negação. Ao invés de admitir a sua atitude racista, para melhorar na sua nova casa, quando as moças perguntaram para ela por que a antiga casa se dissolveu, ela negou para as pessoas que ela fez parte disto.

Seria melhor e mais justo reconhecer que o racismo povoa todos nós, é parte da nossa sociedade, e que precisamos enfrentar de frente esse problema para poder superá-lo. Ler textos antirracistas e autoras negras não basta, é preciso reconhecer o erro, e reparar com mais justiça as situações de racismo cotidianas contra mulheres negras como eu.

Referências bibliográficas

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HOOKS, Bell. *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*. São Paulo: Rosa dos tempos, 2019.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação, episódios do racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.